

REPERTÓRIO
(SE)CURA HUMANA
AÇÕES ARTÍSTICAS E ATIVISTAS
SOCIOAMBIENTAIS

MERGULHO EM RIOS POLUÍDOS

#VIDEOPERFORMANCE #ARTIVISMO



MERGULHO NO RIO TIETÊ

Mergulho no Rio Tietê
video performance de Flavio Barollo
frame de Alexandre Freitas

Clique na imagem para abrir o vídeo.

Em 2016, Flavio Barollo realizou a performance “Mergulho no Rio Tietê”, o quinto rio mais poluído do mundo, na cidade de São Paulo, Brasil. Foi parte do projeto Vidas Secas SP, em parceria com Karen Menatti, Rogério Tarifa e Zimbher. A proposta envolveu a entrada do artista nas águas poluídas do Rio Tietê, superprotegido por uma roupa de saneamento. Este “não-mergulho” pretendia evitar o contato direto com a água, simbolizando a exclusão da vida no rio, agora um habitat de dejetos e poluição.

Descrição da Performance

Barollo caminhou pelas águas turvas do rio, desviando de diversos objetos descartados como uma boneca, um triciclo e um sapatinho de criança, refletindo sobre as infâncias e histórias perdidas ali. A performance evidenciou a degradação ambiental e social, com a água contaminada simbolizando o fracasso da sociedade moderna e do sistema capitalista.

Reflexão e Impacto

Durante a performance, um acidente com a roupa protetora permitiu que a água poluída entrasse em contato com o corpo do artista, trazendo uma camada adicional de risco e realismo à ação. Barollo destacou que o maior risco não era a contaminação pessoal, mas sim a vivência em uma sociedade marcada pela devastação ambiental, preconceito, e falta de dignidade humana.

A performance buscava despertar a consciência pública sobre a necessidade urgente de mudanças ambientais e sociais, enfatizando a importância de se lidar de forma sustentável com os recursos naturais. A frase “O bagre sou eu” simboliza a identificação com as poucas formas de vida que ainda resistem no rio poluído, clamando por um futuro onde o Rio Tietê possa novamente sustentar vida e ser um símbolo de regeneração.

Em 2019, fez o [Mergulho no Rio Anhanguera](#) e em 2024 fez o [Mergulho no Rio Guatá Porã](#) em Osasco (SP).

**Mergulho no Rio Anhanguera
feita na cratera aberta pela força do Rio
Anhanguera canalizado, que explodiu as ruas
da Santa Cecília, em São Paulo.**





Mergulho no Rio Guatá Porã,
rebatizado pela Aldeia Guarani Pindimirim SP,
em Osasco (SP)

MERGULHO NO RIO GUATÁ PORÃ

Clique na imagem para abrir o vídeo.

BANHISTA DE RIOS URBANOS

#VIDEOPERFORMANCE #EXPOSIÇÃO

BIENAL DE VENEZA 2024

Participação da performance *Banhista de Rios Urbanos* (Bagnante dei Fiumi Urbani), em diálogo com a obra *Aguacero*, de Daniel Otero Torres, de curadoria do brasileiro Adriano Pedrosa



EXPOSIÇÃO “ONDE HÁ FUMAÇA - ARTE E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA”



Imagem gerada com Inteligência Artificial para a exposição “Onde há fumaça - Arte e emergência climática”, no Museu do Ipiranga

A Videoinstalação “Mergulhos”

Além da intervenção de abertura, o (se)cura humana apresenta a videoinstalação imersiva “Mergulhos” na sala dedicada ao coletivo dentro da exposição. Os trabalhos [Mergulho no Rio Tietê](#), [Mergulho no Rio Anhanguera](#) e [Mergulho no Rio Guatá Porã](#) serão exibidos simultaneamente, por meio de três fontes de vídeo circulando entre si.

As videoperformances registram as ações dos artistas banhando-se em rios poluídos, e assim exploram as conexões entre corpo, rio e urbanização. A instalação proporciona um ambiente imersivo, onde as imagens das ações se entrelaçam, ecoando as questões levantadas pelo grupo. A obra também provoca uma reflexão sobre progresso e tecnologia, trazendo ao trabalho o impacto da Inteligência Artificial na recriação de mundos (im)possíveis.

Serviço:

Exposição: Onde há fumaça – Arte e emergência climática

Abertura: 4 de novembro de 2024 (evento exclusivo para convidados)

De 5/11/24 a 28/2/2025 De terça a domingo, das 10 às 17h. Última entrada:

16h. Salão de exposições temporárias

Entrada gratuita (somente para esta exposição).

Local: Museu do Ipiranga – Av. Nazaré, S/N, Ipiranga, São Paulo – SP

Os olhos ardem, a garganta resseca, as narinas queimam e os pulmões sufocam. É a vida humana em risco. A trajetória pensada antes como necessária para um mundo melhor agora é desafiada por queimadas, enchentes, altas e baixas temperaturas, seca do ar. Esta exposição questiona a ideia de progresso ainda predominante, que gera a situação atual de emergência climática.

Sob curadoria do Micrópolis, grupo formado pelos arquitetos e pesquisadores Felipe Carnevali, Marcela Rosenberg e Vítor Lagoeiro, o acervo histórico do Museu e obras de artistas contemporâneos dão visibilidade ao processo de degradação ambiental e social ao longo do desenvolvimento urbano do Brasil.

Pinturas e fotografias de mestres, como Benedito Calixto e Henrique Manzo, dialogam com trabalhos dos artistas Alice Lara, André Vargas, Bruno Novelli, Davi de Jesus do Nascimento, Anderson Kary Bayá, Jaime Lauriano, Luana Vitra, Mabe Bethônico, Roberta Carvalho, (se)cura humana, Uýra Sodoma e Xadalu Tupã Jekupé. A justaposição provoca reflexões sobre como a colonização do território e a construção da nação estão pautadas na ideia de civilização versus barbárie, da cultura possível versus natureza impossível.



LEGADO DA DEVASTAÇÃO

#CORTEJO #ATO #PERFORMANCE #CÊNICA



**Legado da Devastação no ato contra o PL da Devastação,
em frente ao Theatro Municipal (Fotos de Yve Louise)**



DISCUSSÃO SOBRE LEGADO DA DEVASTAÇÃO

com (se)cura humana (Flavio Barollo, Jeferson Rogério, Letícia Progenio, Odacy Oliveira e Wellington Tibério) + Anhangá Coletiva (Bru Kariri, Éder Lopes, Jonas Coutinho, Victória Souza e Huiris Brasil)

Duração: 45 minutos

Sinopse

O Legado da Devastação é uma intervenção do coletivo (se)cura humana que transforma a rua em ritual de confronto e reinvenção.

À frente, um CEO anti-xamã — corpo preparado para o colapso — manipula fumaça, pó e resíduos, encenando o “progresso” como culto e a destruição como método.

Atrás, troncos, galhos e corpos mascarados arrastam a paisagem da exploração, enquanto vozes, tambores e danças afro-indígenas mudam a pulsação da marcha.

A procissão se transfigura em levante: uma maloca ergue-se com galhos, fogo acende, a ordem se inverte. O CEO resta como resíduo de um mundo que converte vida em “recurso”, cercado e engolido pelo que julgava controlar. Entre fumaça e respiração, o cortejo troca a lógica do lucro pelo comum e devolve a pergunta ao público: que legado queremos deixar à vida na Terra?

Argumento

O Legado da Devastação toma a Avenida Paulista como campo de disputa simbólica: entre a máquina do progresso e as possibilidades de futuro comum. A obra nasce do atrito com projetos que fragilizam salvaguardas ambientais e encontra, no fluxo da rua, a chance de expor e reordenar forças.

No centro surge o CEO da Devastação — um anti-xamã corporativo. Terno amarelo, máscara e bateria às costas, ele ritualiza a extração: transforma

ar, água e terra em “recurso”, converte linguagem em mercadoria e promete eficiência onde sobra prejuízo público. Sua liturgia é a do lucro que respira através de cabos e fumaça.

O cortejo avança como paisagem pós-desastre: névoa branca, ruído, resíduos. Troncos arrastados por figuras que desenharam no asfalto a silhueta de florestas abatidas — um cruciforme, outro preso a uma microestufa, como se o direito ao ar fosse um privilégio portátil. A cidade assiste à coreografia do esgotamento.

Atrás, corpos da diáspora afro-indígena mantêm a vigília. Máscaras, galhos, tambor e respiração compõem uma presença que é memória e projeto. A contenção vira tensão; a tensão, faísca. A distopia deixa frestas por onde passam gestos de recomposição.

Quando o círculo se fecha, os galhos se erguem em copa comum e, depois, em abrigo: a maloca de troncos cerca o poder que julgava possuir a matéria do mundo. Do centro, o vermelho irrompe — combustão simbólica — e o som coletivo transborda a fala empresarial. O que era marcha da devastação torna-se rito de virada.

A ordem se inverte. Quem arrastava passa a conduzir, galhos em riste; quem conduzia, arrasta agora o peso da própria obra. **O cortejo segue guiado por canto, tambor e dança, reabrindo a avenida como corpo vivo: a árvore caminha, o luto se converte em força, o comum reaparece.**

Ao final, máscaras caem, o abrigo permanece e a pergunta retorna, sem resposta pronta: **que ideia de progresso queremos sustentar quando o lucro privado insiste em fabricar prejuízo público? Que legado desejamos deixar à vida na Terra?** A intervenção não encerra — convoca.



Flavio Barollo

Flavio Barollo transita entre as cênicas, audiovisual e novas tecnologias. Pós-Graduação em Direção Teatral pela ESA Célia Helena, sob orientação de Antônio Araújo (Teatro da Vertigem, MITsp); Estudos da performance na PUC e USP com Lúcio Agra e Beth Lopes. Na UFRRJ, cursa Extensão Mudança Climática, Desastres e Garantia de Direitos da População Atingida. Artivista ambiental pelo coletivo (se)cura humana. Em performance criou e dirigiu Simulação de um Levante (2024), Ouro Branco: Lítio (2024), Corpo-Árvore (2023), Piscina do Fim do Mundo (2017-2023), Parque Aquático Móvel (2015-2023), Rio Paralelo Tamanduateí (2019) e Mergulho do Rio Tietê (2015). No audiovisual, dirigiu o filme Deserto SP (2024), e em captação de Torneiras.



Odacy Oliveira

Odacy Oliveira é artista indígena urbano da cidade de Manaus (AM). Membro do coletivo (se)cura humana. Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Investiga uma dramaturgia interligando natureza/cor/corpo. Realiza trabalhos no campo da Performance/Dança, Videodança e Pintura Corporal. Dança com árvores, até desaparecer e reaparecer na paisagem. Sua intensão maior em suas criações é embrenhar o humano no natural, até que essa distinção não faça mais sentido, e outros sentidos possam aflorar, lançando a atenção à estética do ambiente natural em meio à cidade e construir outras formas de olhar, habitar e mover-se de maneira menos intrusiva e destrutiva no mundo.



Wellington Tibério

Professor de Geografia. Doutorando do FFLCH-USP. Performer pelo coletivo (se)cura humana, com as performances Piscina do Fim do Mundo e Corpo-Árvore. Músico (percussionista), fundador e integrante do grupo Coração Quiáltera (2000/12). É co-fundador do bloco carnavalesco Água Preta. Ativista/Artista urbano, fundou o coletivo Ocupe e Abrace, que atua na Praça na Nascente, a tática Hezbolago, prática de escavação de lagos e criação de novos espaços aquáticos na cidade, o Parque Aquático Móvel, performance de experimentação das águas da cidade, e o coletivo da Travessa, que realiza a ocupação da Travessa Roque Adóglgio, Vila Anglo Brasileira, São Paulo. Escreveu o ensaio ÁGUA E URBANISMO: AÇÕES ARTÍSTICAS PARA UMA CIDADE (IM)POSSÍVEL, para a Revista Redobra da Universidade Federal da Bahia (UFBA).



Jeferson Rogério

Construtor ambiental e estudante de Biologia. Kursou Engenharia Civil, trabalha com reformas e construções desde 2006, especializando-se em bioconstrução, saneamento ecológico, captação de água da chuva e sistema de aquaponia. Nas artes, com o (se)cura humana, participou da construção do Lago da Travessa e na realização da obra Rio Paralelo Tamanduateí. É coordenador técnico do (se)cura humana. E também atua como performer na performance Corpo-Árvore.



Letícia Progênio

Atriz e bailarina paraense, nascida em Belém. Bacharel em teatro pela ES de Artes Célia Helena e estudante da São Paulo Escola de Dança. Integrou por sete anos a Cia de Dança Contemporânea Agesandro Rego. Em 2024, passou a integrar o grupo de danças culturais amazônicas, Yande Transpará. No audiovisual teve sua estréia na série “Pssica” da Netflix, dirigida por Quico Meireles e Fernando Meireles. No teatro, fez parte do elenco de “Amazonias - ver a mata que te vê”, dirigido por Maria Thaís, no Sesc Pinheiros. Atualmente desenvolve pesquisa em dança teatro, com foco na cultura amazônica.



Anhangá Coletiva

A Anhangá Coletiva é um coletivo afro-indígena, formado por Bru Kariri, Éder Lopes, Jonas Coutinho, Victória Souza e Huiris Brasil que nasceu do encontro de artistas da zona norte e sul de São Paulo – vozes majoritariamente negras, LGBTQIAP+ e com a presença de uma retomada indígena Kariri Xocó. Desde 2020, transformamos as ruas em palco e encruzilhada: lugar de poesia, música, dança, circo e teatro.

Nosso trabalho é atravessado por um gesto de escuta e reescrita da cidade. Criamos o Palimpsesto Urbano, procedimento artístico que parte da ideia de raspar para escrever de novo. Assim, revisitamos memórias, camadas e histórias esquecidas dos espaços onde atuamos, transformando-os em matéria viva de cena.

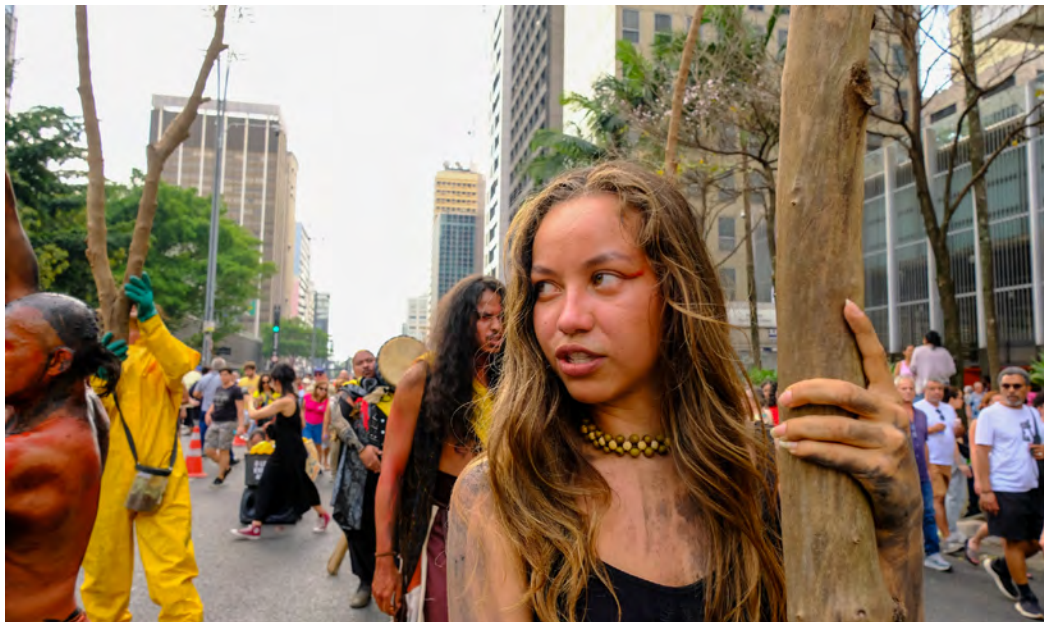
A cada intervenção, buscamos abrir caminhos para que o público não apenas assista, mas sinta-se parte da obra, convocado a reimaginar o território que habita.





**Legado da Devastação na Virada Sustentável 2025,
realizado na Avenida Paulista, em frente ao MASP. (Fotos de Ugo Sartori)**





**Legado da Devastação na Virada Sustentável 2025,
realizado na Avenida Paulista, em frente ao MASP. (Fotos de Ugo Sartori)**



CORPO ÁRVORE

#PERFORMANCE #CÊNICA



CORPO-ÁRVORE SELECIONADO
PELO SESC RJ PULSAR 2024

SESC^{RJ}
PUL
SAR



DISCUSSÃO SOBRE CORPO-ÁRVORE

com (se)cura humana (Flavio Barollo, Jeferson Rogério, Letícia Progênio, Odacy Oliveira e Wellington Tibério)

Duração: 45 minutos

Sinopse

A última árvore é encontrada despedaçada. Sobreviventes do colapso ambiental tentam fazê-la reviver por meio de aparelhos tecnológicos para que ela cumpra a vital função de umidificar a vida. Será possível recriar os rios voadores? A invenção dessa árvore-máquina conseguirá nos redimir?

Argumento

A invenção desse país teve como base a exploração irrestrita da natureza, foi para isso que o Brasil passou a existir, esse foi o projeto inaugural instaurado nessas terras. E esse projeto se insere em um mais amplo de transformação da natureza em recurso para ser apropriada pela lógica de produção vigente. Um mundo à disposição de um único ser que se compreende como superior aos demais. Essa ideia sustentou o desenvolvimento econômico por séculos e ainda o sustenta, mas dá sinais de exaustão. Há uma inconveniente realidade que tem nos mostrado cada vez mais o nosso devido lugar de parte de um grande sistema. Há limite para aquele projeto que se instaurou aqui há 523 anos. Há limite para a ação humana sobre o planeta. Vários povos

sempre entenderam isso, mas nós estamos precisando vislumbrar o risco à nossa condição de existência para entendermos que esse limite realmente existe.

E se acabarmos com a Amazônia, com a floresta do Congo e com as demais áreas florestais do mundo? O que será de nós se não pararmos de avançar no consumo da natureza para atender nossos desejos de bem estar e comodidade?

Essa performance trará uma realidade futura de colapso ambiental em que seus sobreviventes encontrarão a última árvore restante, mas completamente despedaçada. Em um ato de busca por salvação tentarão fazê-la ressuscitar e produzir umidade novamente. Para isso utilizarão suas máquinas e tecnologias visando recriar o sistema orgânico de uma árvore, criando assim uma árvore-máquina que por meio de sua evapotranspiração umidifique a vida ao seu redor e quem sabe restitua os importantes rios voadores que distribuem umidade pelo mundo.

Essa árvore-máquina germinará a vida? Nosso ser apartado da natureza será redimido por essa invenção? Os seres presentes terão seus afetos umidificados?

Questões importantes em um mundo que rumo para o colapso e em que parte expressiva da comunidade dos humanos tem apostado em saídas tecnológicas para se esquivar do problema e manter seu modo de vida. O que está realmente em questão: uma nova tecnologia menos impactante ou uma mudança de paradigma?



Flavio Barollo

Flavio Barollo transita entre as cênicas, audiovisual e novas tecnologias. Pós-Graduação em Direção Teatral pela ESA Célia Helena, sob orientação de Antônio Araújo (Teatro da Vertigem, MITsp); Estudos da performance na PUC e USP com Lúcio Agra e Beth Lopes. Na UFRRJ, cursa Extensão Mudança Climática, Desastres e Garantia de Direitos da População Atingida. Artivista ambiental pelo coletivo (se)cura humana. Em performance criou e dirigiu Simulação de um Levante (2024), Ouro Branco: Lítio (2024), Corpo-Árvore (2023), Piscina do Fim do Mundo (2017-2023), Parque Aquático Móvel (2015-2023), Rio Paralelo Tamanduateí (2019) e Mergulho do Rio Tietê (2015). No audiovisual, dirigiu o filme Deserto SP (2024), e em captação de Torneiras.



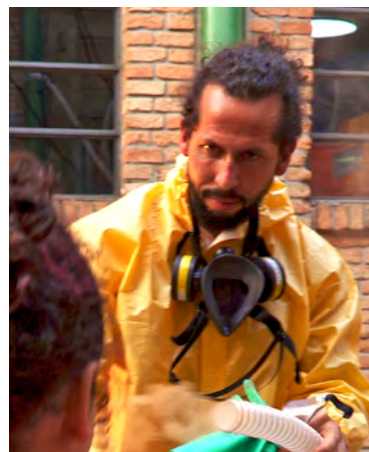
Wellington Tibério

Professor de Geografia. Doutorando do FFLCH-USP. Performer pelo coletivo (se)cura humana, com as performances Piscina do Fim do Mundo e Corpo-Árvore. Músico (percussionista), fundador e integrante do grupo Coração Quiáltera (2000/12). É co-fundador do bloco carnavalesco Água Preta. Ativista/Artista urbano, fundou o coletivo Ocupe e Abrace, que atua na Praça na Nascente, a tática Hezbolago, prática de escavação de lagos e criação de novos espaços aquáticos na cidade, o Parque Aquático Móvel, performance de experimentação das águas da cidade, e o coletivo da Travessa, que realiza a ocupação da Travessa Roque Adógllo, Vila Anglo Brasileira, São Paulo. Escreveu o ensaio ÁGUA E URBANISMO: AÇÕES ARTÍSTICAS PARA UMA CIDADE (IM)POSSÍVEL, para a Revista Redobra da Universidade Federal da Bahia (UFBA).



Letícia Progênio

Atriz e bailarina paraense, nascida em Belém. Bacharel em teatro pela ES de Artes Célia Helena e estudante da São Paulo Escola de Dança. Integrou por sete anos a Cia de Dança Contemporânea Agesandro Rego. Em 2024, passou a integrar o grupo de danças culturais amazônicas, Yande Transpará. No audiovisual teve sua estréia na série "Pssica" da Netflix, dirigida por Quico Meireles e Fernando Meireles. No teatro, fez parte do elenco de "Amazonias - ver a mata que te vê", dirigido por Maria Thaís, no Sesc Pinheiros. Atualmente desenvolve pesquisa em dança teatro, com foco na cultura amazônica.



Jeferson Rogério

Construtor ambiental e estudante de Biologia. Cursou Engenharia Civil, trabalha com reformas e construções desde 2006, especializando-se em bioconstrução, saneamento ecológico, captação de água da chuva e sistema de aquaponia. Nas artes, com o (se)cura humana, participou da construção do Lago da Travessa e na realização da obra Rio Paralelo Tamanduateí. É coordenador técnico do (se)cura humana. E também atua como performer na performance Corpo-Árvore.

CORPO-ÁRVORE NA OCUPAÇÃO 9 DE JULHO

Ativação da obra **CORPO-ÁRVORE**
com a performance realizada na
Ocupação 9 de Julho do MSTC
@movimentomstc
Curadoria de Lucas Bambozzi



[Clique na imagem para abrir o vídeo.](#)



Foto de Yve Louise no Sesc Ipiranga, 2025

Participação especial de Odacy Oliveira em Corpo-Árvore

Odacy Oliveira

Artista indígena amazonense. Membro do Corpocontemporâneo21/CC21. Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Investiga uma dramaturgia interligando natureza/cor/corpo. Realiza trabalhos no campo da Performance/Dança, Videodança e Pintura Corporal. Artista com residência em Manaus e São Paulo. Ecoar na paisagem desenhando linhas de movimento que se entrecruzam com troncos, galhos e cipós, compondo quadros que evidenciam as geometrias, contornos e torções desses corpos. Dançar em árvores, até desaparecer e reaparecer na paisagem. Embrenhar o humano no natural, até que essa distinção não faça mais sentido, e outros sentidos possam aflorar. Lançar a atenção à estética do ambiente natural em meio à cidade e construir outras formas de olhar, habitar e mover-se de maneira menos intrusiva e destrutiva no mundo.



PACHA
[OU A QUEDA DO CEO]
EM PROCESSO
#ESPETÁCULO #PERFORMÁTICO #TEATRO



Imagem gerada com Inteligência Artificial

DISCUSSÃO SOBRE PACHA (OU A QUEDA DO CEO)

com (se)cura humana (Flavio Barollo e Odacy Oliveira)

artes performáticas, artes visuais, artes cênicas.

Sinopse

PACHA (ou A Queda do CEO) é um espetáculo que cria um contraponto entre tecnologia, capitalismo e a sabedoria ancestral indígena, utilizando o conceito de Pacha, que nas línguas indígenas andinas, como o quíchua e o aimará, simboliza a unidade de espaço-tempo e o universo interconectado.

A narrativa segue um CEO bilionário que, ao promover uma palestra sobre transição energética como solução para o colapso ambiental, mergulha em uma lógica de destruição e ilusão de poder, sem perceber o impacto devastador de suas ações.

Em contraste, um homem indígena irrompe como representante de uma visão holística de mundo, conectada à terra e às forças cósmicas, resistindo à destruição através da regeneração e da dança.

No auge do espetáculo, os personagens são confinados em um bunker, como os dois últimos sobreviventes de um mundo pós apocalíptico, onde suas interações expõem as contradições do sistema capitalista e a necessidade urgente de reconectar-se com o mundo natural. Haveria ainda alguma saída?

A narrativa culmina em um debate real com o público, questionando se estaríamos dispostos a abandonar nossos estilos de vida em prol da construção de um novo futuro que integre os conceitos de uma sociedade do “Bem viver”.

Argumento:

PACHA (ou A Queda do CEO) é uma crítica à dependência moderna da tecnologia e à exploração desenfreada dos recursos naturais, colocando em xeque as soluções capitalistas para a crise climática. A palavra Pacha, nas tradições indígenas andinas, refere-se ao universo integrado, onde espaço e tempo são inseparáveis, representando uma totalidade que engloba tanto a dimensão física quanto a espiritual. O espetáculo usa esse conceito para ilustrar a desconexão profunda entre o sistema capitalista, que foca na exploração material, e a visão indígena de um universo interconectado.

A narrativa segue um CEO “verde”, que, enquanto apresenta suas soluções tecnológicas – como painéis solares, energia eólica e exploração de lítio – aplica conceitos de destruição da natureza em nome do progresso. Ao mesmo tempo, um homem indígena dança em torno dele, uma manifestação da sabedoria ancestral que entende que todos os seres estão interligados.

Conforme o espetáculo avança, há uma passagem de tempo para um tempo distópico pós apocalíptico, onde os dois personagens são confinados em um bunker, como os únicos sobreviventes de um colapso climático.

O CEO, que acreditava na supremacia da tecnologia, percebe que sua sobrevivência depende da sabedoria do homem indígena, que, com seu conhecimento da natureza, garante o acesso ao que realmente importa: ar, água e alimentos.

A terceira parte do espetáculo rompe novamente com a narrativa e se transforma em um espaço de debate com o público, onde o homem indígena questiona diretamente os espectadores: “Vocês estariam dispostos a abrir mão de seu estilo de vida em prol da construção de um novo mundo?”

Essa pergunta traz à tona os conceitos de futuro ancestral, como proposto por Ailton Krenak, e de Bem viver, defendido por Alberto Acosta, ambos em sintonia com a noção de Pacha, onde tudo está interligado e o progresso não pode ser medido apenas pelo acúmulo de riqueza material, mas pela harmonia com o tempo-espaço universal.

O debate com o público busca provocar reflexões sobre a possibilidade de superação do modelo capitalista, promovendo alternativas comunitárias e de autogestão, que estejam mais alinhadas com a totalidade de Pacha – uma visão que vê a terra, o tempo e o cosmos como uma unidade sagrada, na qual todas as nossas ações têm consequências que afetam esse equilíbrio.

O espetáculo encerra com um chamado à ação, incentivando a plateia a refletir e agir em prol de um novo futuro onde o espaço-tempo, a natureza e a humanidade estão verdadeiramente integrados, se ainda houver tempo.



Imagem gerada de Flavio com Inteligência Artificial



Imagem gerada de Odacy com Inteligência Artificial

NARRATIVA DRAMATÚRGICA DE PACHA (OU A QUEDA DO CEO)

Primeira Parte: A Ilusão do Progresso e a Destruição

A primeira parte se passa em um ambiente asséptico e frio, onde um CEO de uma empresa de energias renováveis, vestido em um terno, realiza uma apresentação exaltando as maravilhas da transição energética e as promessas de um futuro sustentável. O público é recebido no palco e se torna cúmplice da narrativa tecnológica apresentada por ele. À medida que o CEO avança, sua retórica vai revelando seu verdadeiro objetivo: maximizar lucros através da exploração dos recursos naturais, sem qualquer preocupação com a regeneração ambiental ou o impacto social, usando o conceito do ESG como cortina de fumaça e greenwashing.

Enquanto faz uma demonstração prática em busca do lítio, como demonstração de poder sobre a natureza, um homem indígena entra silenciosamente no palco, carregando o tronco de uma árvore morta e realizando uma dança ritualística. Espalhando sementes e terra pelo chão, ele representa a resistência silenciosa e a possibilidade de regeneração. A tensão entre a ação frenética do CEO e a resistência do indígena marca o início da narrativa, revelando a dicotomia entre progresso e preservação.

Segunda Parte: O Bunker e o Colapso Climático

Após a catarse do CEO, as luzes se apagam e o palco se transforma em um bunker cênico feito de caixas de papelão, representando a fragilidade do sistema capitalista. O CEO e o homem indígena se encontram confinados nesse espaço, na tentativa de sobreviverem juntos ao colapso climático iminente.

O diálogo entre os dois personagens se torna uma disputa ideológica: o CEO tenta justificar suas ações e continua a acreditar que a tecnologia será sua salvação, enquanto o indígena expõe as contradições do capitalismo e revela a sabedoria necessária para sobreviver sem a dependência tecnológica.

As projeções de vídeo mostram paisagens criadas por inteligência artificial, simulando uma regeneração ilusória. Porém, o indígena sabe que essas imagens são uma farsa, uma prisão tecnológica que tenta mascarar a verdadeira devastação que ocorre lá fora.

A frustração do CEO aumenta à medida que percebe que sua sobrevivência depende do conhecimento ancestral do indígena. O bunker começa a desmoronar, assim como o sistema de crenças do CEO, e ambos se veem forçados a enfrentar a falência da ilusão capitalista.

Terceira Parte: A Reflexão Coletiva e o Convite à Ação

Na parte final do espetáculo, mundança de tempo-espaço, o CEO já não existe mais, o ator sai de cena e se mistura com o público, tornando-se parte do coletivo. O homem indígena assume o protagonismo e inicia um diálogo direto com a plateia, convidando-a a refletir sobre o conceito do “Bem viver” e sobre a possibilidade de se abrir mão do estilo de vida capitalista em prol de uma existência mais sustentável.

Esse momento transforma o espetáculo em um espaço de debate real. A audiência é incentivada a compartilhar ideias e propostas sobre como podemos construir um futuro além do extrativismo e do consumo desenfreado. O público é convidado à uma ação concreta, plantando mudas e rachando concretos.

O espetáculo termina sem respostas definitivas, mas com um convite claro à introspecção e à ação. A natureza simbolizada pela terra – se faz presente na cena final, sugerindo que a regeneração ainda é possível, mas depende de uma mudança profunda de mentalidade e comportamento coletivo.



Imagem gerada de Odacy com Inteligência Artificial



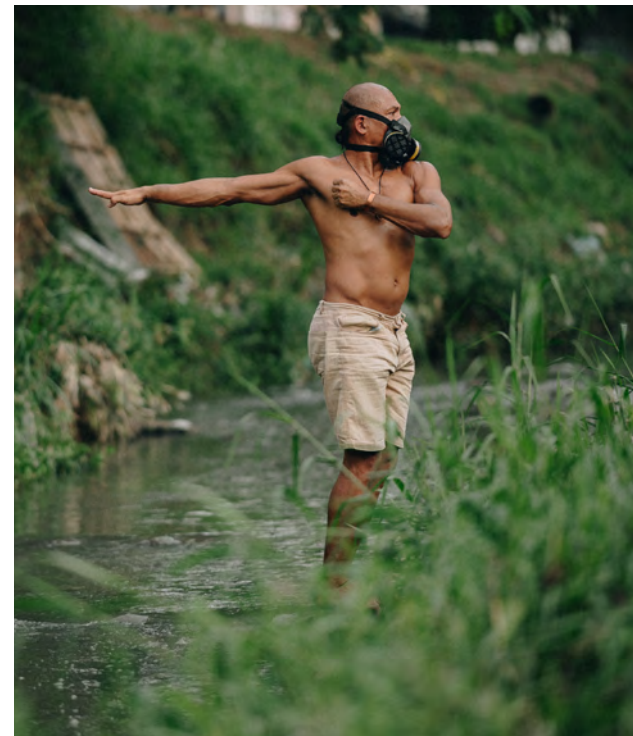


Flavio Barollo

Flavio Barollo transita entre as cênicas, audiovisual e novas tecnologias. Ator pelo Indac (2003-2006); Pós Graduação em Direção Teatral pela ESA Célia Helena, sob orientação de Antônio Araújo (Teatro da Vertigem e curador da MITsp) (2012-13); Estudos da performance na PUC e USP com Lúcio Agra e Beth Lopes. Autodidata em tecnologias diversas ligadas ao audiovisual, como videoarte, videomapping, efeitos visuais (VFX) e Inteligência Artificial (IA). Frequentou o MOLA - Grupo de estudos em Arte, Ciência e Tecnologia com Fernando Velázquez e Lucas Bambozzi (2017). Na UFRRJ, cursa Extensão Mudança Climática, Desastres e Garantia de Direitos da População Atingida (2024). Membro do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos - Diversitas (USP). Artivista ambiental pelo coletivo (se)cura humana. Em performance criou Simulação de um Levante (2024), Corpo-Árvore (2023), Piscina do Fim do Mundo (2017-2023), Parque Aquático Móvel (2015-2023), Rio Paralelo Tamanduateí (2019) e Mergulho do Rio Tietê (2015). Como ator no teatro, atua em O Averso do Claustro (Cia do Tijolo de 2016-2023) e Ópera Urbe Peste Contemporânea (Coletivo Ópera Urbe de 2017-2023). Protagonizou os espetáculos O Pelicano (direção de Denise Weinberg - 2010), Espectros (direção de Francisco Medeiros - 2011) e Brincando com Fogo e Credores (pela Cia Mamba de Artes de 2012-13).

Odacy Oliveira

Artista indígena amazonense. Membro do Corpocontemporâneo21/CC21. Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Investiga uma dramaturgia interligando natureza/cor/corpo. Realiza trabalhos no campo da Performance/Dança, Videodança e Pintura Corporal. Artista com residência em Manaus(AM) e São Paulo(SP). Produziu em sua trajetória diversos trabalhos através de processos híbridos de criação a partir de memórias pessoais no contexto amazônico ancoradas nas dimensões metafísicas e das ancestralidades. Atualmente investiga as relações do corpo e os espaços naturais e urbanos, árvores ou a ausência delas. Principais trabalhos: “Sonoro” (Sesc Amazônia das Artes 2010) “Homem Pigmento Floresta” e “Yi Ocre” (Sesc Amazônia das Artes 2015 e Sesc Palco Giratório 2016); “Salto no Vazio” (Amazonias ver a mata que te vê - 2022/2023 - Sesc SP); SI-PÓ (Bienal Sesc de Dança 2023 Sesc/SP)



CIDADES UTÓPICAS EM UM FUTURO ANCESTRAL

#AUDIOVISUAL #CINEMA #DOCUMENTÁRIO



[se]cura
humana

apresentam

Cidades Utópicas em um Futuro Ancestral

Direção FLAVIO BAROLLO Reflexões e provocações WELLINGTON TIBÉRIO
Coordenação, pesquisa, criação, roteiro e performance FLAVIO BAROLLO e WELLINGTON TIBÉRIO
Performances especiais DANIEL WERÁ e ODACY OLIVEIRA
Direção de fotografia FLAVIO BAROLLO Câmeras e drone FLAVIO BAROLLO e THAIS CARVALHO
Som direto THAIS CARVALHO e WELLINGTON TIBÉRIO Vídeos e fotos no piquenique ALÉCIO CÉZAR
Montagem, cor, áudio, design, finalização, trilha artificial e manipulação com Inteligência Artificial ESTÚDIO @CASADAZICA
Produção ARIANE CUMINALE e GABI GONÇALVES CORPO RASTREADO

CONCEITO DE CIDADES UTÓPICAS EM UM FUTURO ANCESTRAL

Sinopse:

O filme “Cidades Utópicas em um Futuro Ancestral” produzido pelo coletivo (se)cura humana, documenta a transformação de um território urbano e rios poluídos em um espaço de sonhos e revitalização. Mediados pelo conceito de Futuro Ancestral de Aílton Krenak, os participantes de uma residência artística exploram a cidade de Osasco e seus rios, criando ações concretas e utilizando a inteligência artificial para manipular suas visões utópicas e seus sonhos. Através de criações e intervenções artísticas, o filme apresenta um novo exercício de cidade onde o passado e o futuro se encontram no presente, no hiato entre a alta tecnologia e os saberes ancestrais.

Argumento:

“Cidades Utópicas em um Futuro Ancestral” remete ao passado em busca da revitalização de um rio degradado. O filme é o documento de uma residência artista conduzida pelo coletivo (se)cura humana, a convite do Sesc Osasco, onde artistas exploram o território e as margens poluídas dos rios da cidade. Mediados pelo conceito de Futuro Ancestral de Aílton Krenak, os participantes são incentivados a sonhar e criar uma nova cidade através de visões criativas.

Os sonhos são materializados com inteligência artificial, transformando essas visões em cenários fotográficos onde os participantes se inserem. Essas fotos são impressas em lambe-lambes, que, antes de serem colados no Beco de Oz, são trabalhados manualmente com desenhos e gravuras pelos próprios participantes. A pós-produção final do filme também utiliza a inteligência artificial para reima-

ginar e transformar trechos, criando um mundo (im)possível.

A narrativa explora a desconexão entre a cidade e seus rios, sublinhando a importância de desenvolver uma consciência coletiva que valorize o bem comum. Através de reflexões com a comunidade, revela-se como a herança colonial moldou atitudes contemporâneas em relação à terra e à água. Ao longo do filme, os espectadores são convidados a repensar seu papel na preservação ambiental e imaginar um futuro regenerado, onde a utopia se torna realidade pela união de esforços, valorização das práticas ancestrais e rebatismo do córrego, o novo Rio Guatá Porã - o bom caminho.

Direção audiovisual FLAVIO BAROLLO

Reflexões e provocações WELLINGTON TIBÉRIO

Coordenação, pesquisa, criação, roteiro e performance

FLAVIO BAROLLO @flaviobarollo e WELLINGTON TIBÉRIO @welltiberio

Performances especiais

DANIEL WERÁ @danielwera.7 e ODACY OLIVEIRA @odacy_oliveira

Direção de fotografia FLAVIO BAROLLO

Câmeras e drone FLAVIO BAROLLO E THAIS CARVALHO @thaiscarvalho_machado_

Som direto THAIS CARVALHO E WELLINGTON TIBÉRIO

Vídeos e fotos no piquenique ALÉCIO CÉZAR @alecio_cezar

Pós-produção:

Montagem, cor, áudio, finalização, trilha artificial e manipulação com Inteligência Artificial: ESTÚDIO @CASADAZICA | FLAVIO BAROLLO





Piquenique no recém batizado Rio Guatá Porã, em Osasco.
Residência artística Cidades Utópicas e (im)possíveis, do
coletivo (se)cura humana no Sesc Osasco.

OURO BRANCO: LÍTIO

#PERFORMANCE



Ouro Branco ILitioI
Experimento 01
Performance de segurança
humana, com Flavio Barolito
@securahumana
Transição energética,
desmatamento, perfuração
de solo, tinta guache branca,
energia solar e iPhone

DISCUSSÃO SOBRE “OURO BRANCO: LÍTIO”

com (se)cura humana (com Flavio Barollo)

Duração: 45 minutos

Sinopse

A performance consiste em um empresário escavando uma vala de lama em seu próprio escritório, com intuito de encontrar o LÍTIO, minério branco hoje tão fundamental para a transição das energias renováveis. Ao mesmo tempo, uma entidade indígena está sobre ele no topo de uma árvore. Um embate entre a tecnologia e a ancestralidade. A performance é feita por Flavio Barollo, com provocação de Wellington Tibério.

Argumento

A performance OURO BRANCO: LÍTIO, é um trabalho em torno da questão da exploração do LÍTIO, o “novo” mineral queridinho do mundo, apelidado de ouro branco (ou petróleo branco). O assunto do momento, no mundo e no Brasil, e a promessa de ser um dos mais valiosos para o mercado atual, focado na transição energética. Para se fazer a transição limpa de energias renováveis, o petróleo (o dito ouro preto) não é mais a bola da vez, agora é o Lítio, necessário para confecção de baterias utilizadas em energia solar, eólica e outros meios de produção.

A extração do lítio vem provocando debates e manifestos contrários, visto que populações mais embobrecidas e também os povos originários estão sendo expulsos de seus territórios, dentre indígenas, quilombolas, devido aos impactos ambientais que essa ação provoca. O racismo ambiental se instaura com força em territórios da América Latina onde o lítio é mais abundante, visando o “desenvolvimento sustentável” de nações ditas mais “desenvolvidas”, e tem provocado grandes conflitos acerca da extração do Lítio, principalmente nos salares do Chile e Bolívia.

No Brasil

Em março de 2021 foi aprovada a exploração de lítio no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). O projeto é liderado pela empresa Sigma Mineração e tem como objetivo extrair cerca de 45 mil toneladas de concentrado de lítio por ano.

Segundo Ana Cabral-Gardner, CEO da Sigma Lithium, os rejeitos da produção serão transformados em produto de maior valor agregado. “A surpresa bacana é que teremos embarques não só do produto principal como também dos rejeitos, o que vai nos transformar em uma operação zero rejeito.”



Flavio Barollo

Flavio Barollo transita entre as cênicas, audiovisual e novas tecnologias. Kursou Pós-Graduação em Direção Teatral pela ESA Célia Helena, sob orientação de Antônio Araújo (Teatro da Vertigem, MITsp); Estudos da performance na PUC e USP com Lúcio Agra e Beth Lopes. Na UFRRJ, cursa extensão Mudança Climática, Desastres e Garantia de Direitos da População Atingida. Artivista ambiental pelo coletivo (se)cura humana. Em performance criou e dirigiu Simulação de um Levante (2024), Ouro Branco: Lítio (2024), Corpo-Árvore (2023), Piscina do Fim do Mundo (2017-2023), Parque Aquático Móvel (2015-2023), Rio Paralelo Tamanduateí (2019) e Mergulho do Rio Tietê (2015). No audiovisual, dirigiu o filme Deserto SP (2024), e em captação de Torneiras.



Processo de Pesquisa Experimento No.01: Ouro Branco [Lítio], parte da Residência Artivista "É Clima" realizada por Megafone Ativismo, LabExperimental, Parede Viva, e Condô Cultural.

**(SE)CURA
COM ÁGUA**

#MÚSICA #SHOW



Foto de Yve Louise para Festival Formigueiro

CONCEITO DO SHOW (SE)CURA COM ÁGUA

O **coletivo (se)cura humana** conflui sua trajetória artista em uma vertente musical. Nossa pesquisa artística, ativista e aquática agora está sonora: o show (se)cura com água!

Em um experimento cênico-musical, o grupo se nutre de seu discurso e ações de guerrilhas artísticas urbanas e aquáticas pela cidade, e principalmente da investigação do grande símbolo universal que é a água, para criar esta obra, pois como nos lembrou Platão: “O ouro tem muito valor e pouca utilidade, comparado à água, que é a coisa mais útil do mundo e não lhe dão valor.”

O show (se)cura com água tem **direção artística de Flavio Barollo, direção musical de Felipe Chacon** (que também assina algumas composições) e **arranjos de Rodrigo Zanettini**. Quanto às canções, desde a crise hídrica de 2014, o compositor Carlos Zimbher vem realizando pesquisa e trajetória musical dialogando com o (se)cura humana, e com isso assina grande parte das 14 músicas presentes no repertório do grupo, que conta

com uma banda de 8 pessoas (completam o time Luiza Abe, Felipe Julian, Matheus Caitano, Glauber Bento e Jackie Cunha), e as demais parcerias nas composições são Felipe Chacon, Leo Bianchini, Flavio Barollo, e música Tenho Sede de Gilberto Gil com Dominginhos.

Assim, o experimento percorre o caminho das águas que aponta para a cura e o surgimento de uma nova consciência do ser humano em relação à natureza, um caminho que atravessa as mazelas provocadas por nós no Planeta, e finalmente expõe possibilidades utópicas para nossa continuidade na Terra. Não à toa, entre os antigos, a água era evocada como uma das origens do mundo. Talvez tenha chegado a hora de devolvermos a gratidão, do ser humano carregar a água nas costas já que ela, a natureza, vem nos carregando desde sempre até aqui e sem ela seguramente, não vamos a lugar nenhum.

A proposta do show é realizá-lo tanto em espaço fechado, quanto aberto, em praças, convivências, como uma banda móvel.

Ficha técnica do show (se)cura com água

Artista: (se)cura humana @securahumana

Voz e direção artística: Flavio Barollo @flaviobarollo

Voz e vocais: Luiza Abe @luizaabe

Bateria, vocais e direção musical: Felipe Chacon @felipepanchacon

Piano, teclado e arranjos: Rodrigo Zanettini @rodrigo_zanettini

Baixo acústico e baixo elétrico: Felipe Julian @felipe_julian__

Trompete e Trombone: Glauber Bento @glauber.bento

Sax Tenor e violão: Matheus Caitano @caitano7sax

Percussão: Jackie Cunha @jackiecunhapercussa

Composições originais de Carlos Zimbher @zimbher e Felipe Chacon

Tenho Sede de Gilberto Gil e Dominginhos Criação e coordenação do (se)cura humana:

Flavio Barollo @flaviobarollo e Wellington Tibério @welltiberio

Clique na imagem para abrir o vídeo.



Trecho da música O Lago Alarga.



Trecho da música Sapiens.



Trecho da música Securaumedecer.



Trecho da música Plástico.

Repertório:

(SE)CURA COM ÁGUA (Zimbher)

O LAGO ALARGA (Zimbher)

RIO ABAIXO (Zimbher)

TENHO SEDE (Gilberto Gil e Dominguinhos)

SAPIENS (Zimbher e Leo Bianchini)

SECURAUMEDECER (Zimbher e Flavio Barollo)

SUBMERSOS (Zimbher)

PLÁSTICO (Felipe Chacon)

CANÇÃO PARA ADIAR O FIM DO MUNDO
(Felipe Chacon)

DOIS SEGUNDOS ANTES DE VOAR (Zimbher)

IMITAÇÃO DA NATUREZA (Felipe Chacon)

EXTRA EXTRA (Zimbher)

HECATOMBE (Zimbher)

OMBRIM (Marina Sena)

ENSAIO ABERTO FEITO PARA REGISTRO

(POIS ALÉM DO ESPAÇO FECHADO, TEMOS A INTENÇÃO DE AMPLIAR
ESTE SHOW PARA UMA VERSÃO AO AR LIVRE, COM UMA BANDA MÓVEL)

Clique na imagem ao lado para assistir ao show completo (privado)



Gravado no Teatro Studio Heleny Guariba, em dezembro de 2023

SIMULAÇÃO DE UM LEVANTE

#E PERFORMANCE #ATO #PROCISÃO



**CORTEJO SIMULAÇÃO DE UM LEVANTE
(SE)CURA HUMANA + NÚCLEO MUSICAL DA CIA DO TIJOLO**



GLAYSON LEANDRO DA
SILVA

MARCIANO T.
SEIXAS

GEORGE CONCEIÇÃO DE
OLIVEIRA

LUCIO FERRERA

AULO DE ALMEIDA

RENALDO FERNANDES
GUIMARÃES

ADILSON SATURNINO DE
SOUZA

ARANTES DA
SILVA

ARANTES

DISCUSSÃO SOBRE O CORTEJO SIMULAÇÃO DE UM LEVANTE

com (se)cura humana (Flavio Barollo, Malu Avelar, Wellington Tibério, William Guedes e Núcleo musical da Cia do Tijolo)

Duração: 45 minutos

Sinopse

A rua se torna palco de um ato-cortejo em memória das vítimas de tragédias ambientais. O coletivo (se)cura humana juntamente com o Núcleo Musical da Cia do Tijolo organizam uma “Simulação de um Levante”, combinando homenagens, arte e resistência. Com fitas vermelhas representando vidas perdidas em tragédias climáticas, o evento busca transformar a dor e indignação em ação coletiva, exigindo justiça, reparação e mudanças. O ato forma um cortejo simbólico com um coral de vozes que, ao final, soa uma sirene, como alerta, como um chamado à esperança e à luta por justiça.

Argumento

“Simulação de um levante” é uma performance do coletivo (se)cura humana, um coletivo de arte e ativismo ambiental que atua desde 2015 na cidade de São Paulo, e que nasceu a partir de um convite da AVABRUM (Associação dos Familiares de Vítimas e Atingidos do rompimento da Barragem Mina Córrego Feijão-Brumadinho).

A performance criada por Flavio Barollo, Malu Avelar e Wellington Tibério estreou durante o Ato por Memória e Justiça, promovido pelo Instituto Camila e Luiz Taliberti, na Avenida Paulista no dia 25 de janeiro de 2024, em trajeto itinerante que sai do MASP até a Rua Pamplona, esquina com a avenida.

A performance artística convoca os presentes a participarem de um cortejo musical – protesto em homenagem às vítimas da tragédia ambientais, no caso da estreia pelas vítimas de Brumadinho.

Uma torre de comando móvel, equipada com sirenes em silêncio e envoltas

com placas indicativas de rotas de fuga. No entanto, ao invés de instruir a população, a torre estimula uma simulação de um levante popular, um protesto poético e construtivo sobre resistência, novas perspectivas do caso, reparação, oportunidades e justiça para as vítimas.

O questionamento surge: é possível uma verdadeira fuga em situações de desastre? Qual a possibilidade de um ato de resistência mediante tamanha impunidade como no caso de Brumadinho, onde a sirene não tocou? Foram 272 vítimas fatais, 3 ainda desaparecidas. A lama tóxica afetou 26 municípios, atingiu 944 mil pessoas. São 5 anos sem condenação dos réus.

No topo da torre, um performer equipado com um megafone convida o público a participar desse cortejo, como um porta voz de uma simulação de um plano de emergência. As vozes de comando, através de fala pontuais e cantos, utilizam ferramentas de treinamento de fuga para justamente subverter o sentido, estimular o esclarecimento acerca das tragédias, como a de Brumadinho.

Fitas vermelhas em memória às vítimas, que poderiam representar as vítimas de São Sebastião ou do Rio Grande do Sul, saem do topo da torre, das bocas das sirenes, até encontrar as pessoas no solo, onde cada uma das pessoas participantes pega uma das pontas, com o nome de cada uma das vítimas. As fitas conectam as pessoas entre si, e as conectam entre o solo (território) e o alto da torre de comando (a máquina). Ao mesmo tempo, podem romper a qualquer momento mostrando a nossa fragilidade como sociedade e a dependência que temos destas empresas mineradoras, suas indústrias e sua tecnologia.

Durante o trajeto, o público se junta ao coral do Núcleo Musical da Cia do Tijolo para cantar músicas relacionadas ao tema, no caso de Brumadinho foram músicas do mineiro Milton Nascimento, como “Coração Civil”, “Cio da Terra” e “Promessas de Sol”.

A torre converte-se no epicentro de uma união simbólica entre as pessoas. A sirene ressoa, mas não como sinal de fuga, mas como um alerta de que estamos vivos e ávidos por justiça.



Flavio Barollo

Flavio Barollo transita entre as cênicas, audiovisual e novas tecnologias. Kursou Pós-Graduação em Direção Teatral pela ESA Célia Helena, sob orientação de Antônio Araújo (Teatro da Vertigem, MITsp); Estudos da performance na PUC e USP com Lúcio Agra e Beth Lopes. Na UFRRJ, cursa Extensão Mudança Climática, Desastres e Garantia de Direitos da População Atingida. Ativista ambiental pelo coletivo (se)cura humana. Em performance criou e dirigiu Simulação de um Levante (2024), Ouro Branco: Lítio (2024), Corpo-Árvore (2023), Piscina do Fim do Mundo (2017-2023), Parque Aquático Móvel (2015-2023), Rio Paralelo Tamanduateí (2019) e Mergulho do Rio Tietê (2015). No audiovisual, dirigiu o filme Deserto SP (2024), e em captação de Torneiras.



Wellington Tibério

Professor de Geografia. Doutorando do FFLCH-USP. Performer pelo coletivo (se)cura humana, com as performances Piscina do Fim do Mundo e Corpo-Árvore. Músico (percussionista). É co-fundador do bloco carnavalesco Água Preta. Fundou o coletivo Ocupe e Abrece, que atua na Praça na Nascente, a tática Hezbolago, prática de escavação de lagos e criação de novos espaços aquáticos na cidade. Escreveu o ensaio Água e Urbanismo: Ações artísticas para uma cidade (im)possível, para a Revista Redobra da Universidade Federal da Bahia (UFBA).



Malu Avelar

Artista interdisciplinar e arte-educadora. Nascida e criada na cidade de Sabará (MG), teve sua formação artística em Belo Horizonte na escola CEFAR (Centro de Formação Artística do Palácio das Artes) e no Grupo Jovem Compasso. Suas obras têm como fundamento a dança e pesquisas corporais voltadas ao pensamento da descolonização do corpo como um princípio inegociável para a existência na contemporaneidade. Convidada para a 35ª Bienal de São Paulo de 2023, com obra relacional instalativa "Sauna Lésbica".



William Guedes e Cia do Tijolo

William Guedes Vaz é compositor, regente, professor e preparador vocal especializado em canto coral para teatro e vencedor de três edições da categoria Melhor Música do Prêmio Shell de Teatro (2005, 2009 e 2013). Membro da Cia do Tijolo, ele conduz o Núcleo musical da Cia do Tijolo, com arranjos para mais de 100 vozes, e repertório que transita entre Chico Buarque, Milton Nascimento, dentre outros.

“

Bom dia, meu nome é Maria Luiza e sou conhecida pelo nome de Mau Avelar, artista sou nascida e criada na cidade Sabará de Minas Gerais, cidade histórica, que se consolidou na história por ter sido explorada pelo bandeirante Borba Gato, que foi juiz na cidade de Sabará e matou inúmeras pessoas negras e indígenas em seu percurso.

Sabará é a antiga Sabarabuçu nome indígena que tem como significado Montanha resplandecente, essa região era imensa e chegava até a Bahia, tudo era Sabarabuçu. O que eles nomeavam de Montanha resplandecente era onde era guardado os seus ancestrais, mas a cobiça pelo ouro, pelo diamante e pelos minerais que essa terra carregava é tão grande, que traçou na história e na memória o assassinato de milhões de pessoas nessa região por conta da exploração e cobiça. Ironicamente o que conecta a minha cidade a Brumadinho é a famosa Estrada Real, que carrega esse trajeto de violência feita pelos Bandeirantes as terras que um dia chamaria Minas Gerais, mas não só isso, Sabará possui a Barragem Cuibá que a Vale afirma que tal barragem está estável, da mesma forma que foi afirmado para a cidade de Brumadinho que: A Barragem estaria estável e que a haveria uma “rota de fuga” para salvar a todos, coisa não seria necessário, pois eles tinham certeza que nada iria acontecer.

Sabará e Brumadinho estão conectadas na estrada da exploração.

É curioso pensar que o o trajeto colonial, racista, escravo-

crata segue o seu curso histórico matando o povo, matando o povo preto, matando o povo indígena, matando o povo ribeirinha, matando o povo quilombola. É na estrada real que o curso da tragédia acontece e leva a nossa vida, como levou por muito tempo a dos nossos ancestrais. Não tem como fazer voltar a vida daqueles que foram, não tem como apagar a dor, não tem como salvar a terra, a natureza e tudo aquilo que nos alimenta, está tudo abaixo de lama. A pergunta que fica é: Para onde vamos, se não temos para onde ir? Aqui é a nossa casa!

O lamento é grande, a tragédia é imensa! Somos explorados a mais de 500 anos, não é justo!

Ao mesmo tempo o que faz com que nós possamos ter um mínimo de conforto nesse mar de dor e lamento por tantas perdas, é saber que estamos juntos no projeto que não iremos deixar ninguém esquecer que 272 pessoas foram mortas pelo rompimento da barragem em Brumadinho, um dos maiores desastres ambientais no Brasil, a perda é imensurável.

Enquanto não haver justiça iremos seguir, nos unindo, manifestando, cantando, questionando e reivindicando JUSTIÇA! Justiça é respeito pela nossa história, pelo nosso povo e pela nossa terra!

Seguimos avante e afrontando.

Malu Avelar

”

**A performance cortejo
Simulação de um Levante
pode homenagear vítimas de
tragédias ambientais diversas,
com fitas vermelhas,
tecendo reflexões no microfone
acerca de seus temas específicos,
como racismo ambiental, extrativismo,
refugiados climáticos, dentre outros.**

CONEXÃO ÁGUA

#AUDIOVISUAL #CINEMA #DOCUMENTÁRIO

Clique na imagem para abrir o vídeo.

**(se)cura
humana**

apresenta

Um filme de Flavio Barollo
e Wellington Tibério

CONEXÃO ÁGUA

Com JORGE LUIZ CLARO, JOSÉ SIQUEIRA,
DOUGLAS COIRO e SEU ZAQUEU

Direção FLAVIO BAROLLO
Com WELLINGTON TIBÉRIO

Montagem, drone, cor, áudio, arte e pós produção
ESTÚDIO @casadazica

Cinematografia FLAVIO BAROLLO
Fotografia adicional THAIS CARVALHO

Música CRACA e ZIMBHER

Produção (se)cura humana e ESTÚDIO @casadazica

Sinopse

“Conexão Água” é um curta metragem que parte da existência de um córrego urbano soterrado na cidade de São Paulo, o Água Preta, para estabelecer conexões espaciais, ambientais e humanas promovidas pela água: São Paulo e Buenos Aires, estudantes e moradores em situação de rua, escassez e abundância. Uma aula em uma viela, uma nascente que forma um lago e o encontro com a realidade de quem não tem teto e consequentemente não tem torneira. “Conexão Água” é um chamado à consciência socioambiental e à ação comunitária.

Argumento

“Conexão Água” é um curta metragem que parte da existência de um córrego urbano soterrado na cidade de São Paulo, o Água Preta, para estabelecer conexões espaciais, ambientais e humanas promovidas pela água. Pertencente à macro bacia hidrográfica do Paraná, o pequeno curso d’água, submetido pelo progresso de asfalto e concreto, se faz presente nas ações de pessoas que reivindicam uma outra cidade e uma outra forma de nos relacionarmos entre humanos e com os não humanos.

Em meio a uma aula que ocorre em uma viela sobre o córrego, pessoas que vivem em situação de rua tomam a palavra e compartilham suas memórias e experiências, destacando a importância vital do difícil acesso à água em sua sobrevivência e dignidade diária.

Uma singela nascente canalizada por moradores do entorno proporciona a existência de um lago com peixes e de uma torneira, que promovem uma interlocução com quem está à margem da sociedade. Águas e pessoas negligenciadas pela urbanização são reconsideradas na cena urbana.

Realidades que se conectam, vidas que se abrem para uma outra

experiência de cidade e uma outra forma de conviver no interior de uma sociedade desigual. A água como materialidade e força capaz de umidificar afetos e de nos apontar caminhos para uma reinvenção de nós mesmos.

“Conexão Água” traz à tona a importância da consciência socioambiental e da ação comunitária de transformação de áreas abandonadas e degradadas em espaços de convivência e cuidado mútuo.

Ficha técnica

Um filme de Flavio Barollo e Wellington Tibério

Participações especiais de
Jorge Luiz Claro, José Carlos Siqueira, Douglas Rafael Lopes Coiro e Seu Zaqueu

Direção de Flavio Barollo

Aula de Wellington Tibério para a Escola Móbile,
dentro do projeto Móbile na Metrópole,
realizada na Travessa Roque Adógllo, em São Paulo - SP

Fotografia, drone, montagem, cor, áudio, arte e pós produção
Estúdio @casadazica
Fotografia complementar de Thais Carvalho

@securahumana
www.securahumana.com



Frames do curta Conexão Água, do (se)cura humana





**Frames do curta
Conexão Água,
do (se)cura humana**

240069 - TORNEIRAS: ÁGUA PARA TODOS

Delanda Produções Ltda.

CNPJ/CPF: 12.591.671/0001-53

Processo: 01400000120202442

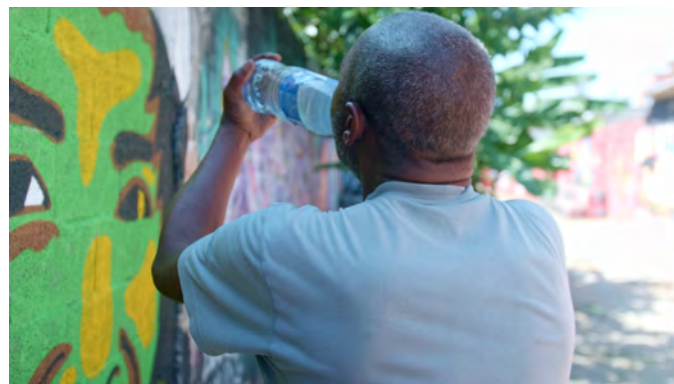
Cidade: São Paulo - SP;

Valor Aprovado: R\$ 336.032,34

Prazo de Captação: 11/01/2024 à 31/12/2024

Resumo do Projeto: "TORNEIRAS: ÁGUA PARA TODOS" é um média-metragem documentário de 25 minutos. Aborda um novo olhar sobre a população em situação de rua e sua luta pela água, um recurso essencial negado a eles. O filme será gravado em 4k, serão feitas 5 exibições/projeções gratuitas em espaço aberto, e após a trajetória do filme em festivais, será disponibilizado gratuitamente on-line onde terá mais de 2.000 visualizações em redes sociais.

**Projeto de série
já aprovado
na Lei Rouanet,
apto para captação
de recursos**



PISCINA DO FIM DO MUNDO

#PERFORMANCE



DISCUSSÃO SOBRE PISCINA DO FIM DO MUNDO

com (se)cura humana (Flavio Barollo, Loop B e Wellington Tibério)

Duração: 40 minutos

Sinopse

Dentro de piscinas de plástico, dois homens manipulam elementos da natureza. Reviram a si mesmos em águas turbulentas. Um mergulho numa época antropocênica.

Argumento

Essa performance é uma recriação que traz para o público uma visão sobre os efeitos da conduta contemporânea de consumo do mundo. A natureza reduzida a recurso pelo ser que se considera superior a ela é dilapidada para satisfazer seu ideal de bem estar. Esse processo egoísta do qual todos fazemos parte, é apresentado por dois homens (Flavio Barollo e Wellington Tibério) que inflam suas piscinas de plástico e ali se esbaldam com os elementos do planeta que julgam estar à sua disposição. A eles se soma um terceiro (Loop B) que se utiliza de sucatas e sobras para criar um ambiente sonoro disso-

nante. Assim dão forma a uma realidade incômoda que está por trás dos infindáveis objetos que se apresentam em nosso cotidiano para satisfazer nossos desejos de consumo.

Essa época que alguns especialistas estão chamando de Antropoceno, uma nova era geológica se caracterizaria principalmente por três fatores: o progresso tecnológico que se acelerou após a Primeira Revolução Industrial, o crescimento explosivo da população graças às melhores condições de alimentação, saúde, higiene e à multiplicação da produção e do consumo.

De onde vêm os elementos que constituem esses objetos? Quais os impactos de sua produção na delicada rede sistêmica que compõe a Terra? Perguntas incômodas que são sufocadas pela nossa ânsia por conforto e satisfação individual. Esses homens em exagerado e irresponsável deleite com os elementos da subjugada natureza servem aos interesses de todos, inclusive daqueles que se mostram preocupados com a própria natureza e as condições de vida no planeta. Diante do iminente colapso, simplesmente dão continuidade a um modo de produção e consumo insustentável.

Esta performance foi criada em 2015, antes das tragédias de Mariana e Brumadinho.

[Clique na imagem para abrir o vídeo.](#)



Deck do Sesc Pompeia



Flavio Barollo

Flavio Barollo transita entre as cênicas, audiovisual e novas tecnologias. cursou Pós-Graduação em Direção Teatral pela ESA Célia Helena, sob orientação de Antônio Araújo (Teatro da Vertigem, MITsp); Estudos da performance na PUC e USP com Lúcio Agra e Beth Lopes. Autodidata em tecnologias diversas ligadas ao audiovisual, como videoarte, videomapping, efeitos visuais (VFX) e Inteligência Artificial (IA). Artivista ambiental pelo coletivo (se)cura humana. Em performance criou e dirigiu Simulação de um Levante (2024), Ouro Branco: Lítio (2024), Corpo-Árvore (2023), Piscina do Fim do Mundo (2017-2023), Parque Aquático Móvel (2015-2023), Rio Paralelo Tamanduateí (2019) e Mergulho do Rio Tietê (2015).



Wellington Tibério

Professor de Geografia. Doutorando do FFLCH-USP. Performer pelo coletivo (se)cura humana, com as performances Piscina do Fim do Mundo e Corpo-Árvore. Músico (percussionista), fundador e integrante do grupo Coração Quiáltera (2000/12). É co-fundador do bloco carnavalesco Água Preta. Ativista/Artista urbano, fundou o coletivo Ocupa e Abraça, que atua na Praça da Nascente, a tática Hezbolago, prática de escavação de lagos e criação de novos espaços aquáticos na cidade, o Parque Aquático Móvel, performance de experimentação das águas da cidade, e o coletivo da Travessa, que realiza a ocupação da Travessa Roque Adóglia, Vila Anglo Brasileira, São Paulo. Escreveu o ensaio ÁGUA E URBANISMO: AÇÕES ARTÍSTICAS PARA UMA CIDADE (IM)POSSÍVEL, para a Revista Redobra da Universidade Federal da Bahia (UFBA).



Loop B

O percussionista das sucatas. Compositor, performer, improvisador e arte educador. Suas composições são feitas digitalmente e a percussão brinca ao vivo em cima da eletrônica. Lançou 7 álbuns, o primeiro em 92. Conceitualmente trabalha descobrindo sons de coisas de sucata e de objetos do cotidiano. Instrumentos que costuma tocar ao vivo: tanque de gasolina tocado com furadeira, cone de sinalização de trânsito, espada de brinquedo etc. Na performance com o grupo (se)cura humana vai usar objetos ligados de alguma forma ao universo da água, como pia, tanque, bacia, sifão, máquina de lavar e a própria água.

DESERTO SP

#AUDIOVISUAL #CINEMA #DOCUMENTÁRIO

Clique na imagem para abrir o vídeo.

**(se)cura
humana**

apresenta

DESERTO SP

Um filme de Flavio Barollo
e Wellington Tibério



Direção **FLAVIO BAROLLO**

Performance **FLAVIO BAROLLO e WELLINGTON TIBÉRIO**

Roteiro **FLAVIO BAROLLO e WELLINGTON TIBÉRIO**

Argumento **FLAVIO BAROLLO, WELLINGTON TIBÉRIO
e CAIO SILVA FERRAZ**

Direção de Fotografia **FLAVIO BAROLLO**

Câmera adicional **THAIS CARVALHO (São Paulo),
CAROLINA DELLEVA e WELLINGTON TIBÉRIO (Atacama)**

Drone **FLAVIO BAROLLO**

Montagem, cor, áudio, AI e finalização **ESTÚDIO @casadazica
> FLAVIO BAROLLO**

Produção e making of **CRIS RASÉC e THAIS CARVALHO
(São Paulo) e CAROLINA DELLEVA (Atacama)**

Clique na imagem para abrir o vídeo.

DOCUMENTÁRIO DESERTO SP

Deserto do Atacama



DISCUSSÃO SOBRE DESERTO SP

com (se)cura humana (Flavio Barollo e Wellington Tibério)

Duração: 15 minutos

Sinopse

Após um protesto aquático, em um contexto de abundância de água na cidade de São Paulo, duas figuras com máscara de mergulho são lançadas num portal para o futuro, em 2053. E se a Amazônia fosse completamente destruída? Os rios voadores que carregam a umidade das árvores não existiriam mais. Não teria mais chuva.

São Paulo, que está na mesma latitude de desertos ao redor do mundo, teria sua sorte alterada?

Argumento

O filme Deserto SP, dirigido por Flavio Barollo e Wellington Tibério, foi feito no Deserto do Atacama e em São Paulo, e lança a hipótese futurista de uma possível desertifica-

ção do Estado de São Paulo, devido à devastação total da floresta amazônica, e consequente fim dos rios voadores que alimentam nosso território aqui no Sudeste. Uma vingança da natureza. Por meio de observações geográficas constatamos que na latitude em que se encontra o Estado de São Paulo há desertos em outras partes do globo (Atacama, Namíbia, Kalahari, entre outros). Isso nos leva a crer que haveria grandes chances de que aqui também fosse, mas há algo que mudou esse destino geográfico. Esse algo corresponde, entre outros fenômenos, à vinda de umidade da floresta amazônica por meio dos famosos rios voadores. Mas a ação humana está alterando essa condição natural. Estamos secando o Estado, estamos diminuindo a produção e vinda de umidade da Amazônia, estamos poluindo e secando nossos rios.

Se não fossem os rios voadores que viajam da Amazônia e aqui desaguam, nosso Estado também poderia se tornar um deserto. Poderia? Como seria a busca por água na metrópole de São Paulo, por exemplo? Com a devastação da Amazônia e a mercantilização do meio ambiente, será que esse futuro próximo já não está em curso?



Wellington Tibério

Professor de Geografia. Doutorando do FFLCH-USP. Performer pelo coletivo (se)cura humana, com as performances Piscina do Fim do Mundo e Corpo-Árvore. Músico (percussionista), fundador e integrante do grupo Coração Quiáltera (2000/12). É co-fundador do bloco carnavalesco Água Preta. Ativista/Artista urbano, fundou o coletivo Ocupe e Abrace, que atua na Praça na Nascente, a tática Hezbolago, prática de escavação de lagos e criação de novos espaços aquáticos na cidade, o Parque Aquático Móvel, performance de experimentação das águas da cidade, e o coletivo da Travessa, que realiza a ocupação da Travessa Roque Adóglgio, Vila Anglo Brasileira, São Paulo. Escreveu o ensaio ÁGUA E URBANISMO: AÇÕES ARTÍSTICAS PARA UMA CIDADE (IM)POSSÍVEL, para a Revista Redobra da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Flavio Barollo

Flavio Barollo transita entre as cênicas, audiovisual e novas tecnologias. Kursou Pós-Graduação em Direção Teatral pela ESA Célia Helena, sob orientação de Antônio Araújo (Teatro da Vertigem, MITsp); Estudos da performance na PUC e USP com Lúcio Agra e Beth Lopes. Na UFRRJ, cursa extensão Mudança Climática, Desastres e Garantia de Direitos da População Atingida. Autodidata em tecnologias diversas ligadas ao audiovisual, como videoarte, videomapping, efeitos visuais (VFX) e Inteligência Artificial (IA). Artivista ambiental pelo coletivo (se)cura humana. Em performance criou e dirigiu Simulação de um Levante (2024), Ouro Branco: Lítio (2024), Corpo-Árvore (2023), Piscina do Fim do Mundo (2017-2023), Parque Aquático Móvel (2015-2023), Rio Paralelo Tamanduateí (2019) e Mergulho do Rio Tietê (2015). No audiovisual, dirigiu o filme Deserto SP (2024), e em captação de Torneiras.



PARQUE AQUÁTICO MÓVEL

#PERFORMANCE #HAPPENING

[Clique na imagem para abrir o vídeo.](#)



Largo da Batata

Parque Aquático Móvel
(Praça Rio dos Campos)

O Parque Aquático Móvel é evento inusitado em pleno asfalto da cidade de São Paulo: o uso e abuso das águas de nascente e lençol freático que são descartadas na sarjeta convertendo-as em mote para atividades e encontros aquáticos.

Os moradores da cidade se juntam para tomar um banho de cascata de cerca de 10 metros em pleno asfalto, levam seus trajes típicos, suas cadeiras de praia, cerveja e comida, uma verdadeira celebração da vida em coletividade e do espaço que habitamos, ou seja, uma reinvenção da própria cidade.





Parque Aquático Móvel
no Sesc Dom Pedro II

CONCEITO DO PARQUE AQUÁTICO MÓVEL

O projeto **"Parque Aquático Móvel"** é uma performance/happening que surge em resposta à crescente necessidade de espaços de lazer inclusivos, educação ambiental e revitalização urbana na cidade de São Paulo.

Originalmente surgiu na ocupação do coletivo (se)cura humana na **Travessa Roque Adóglia**, Zona Oeste de São Paulo, que fica na região da Avenida Pompeia, um local significativo marcado por desafios sociais e ambientais como gentrificação, especulação imobiliária e a canalização dos rios, este projeto visa transformar a maneira como a comunidade interage com o ambiente urbano e seus recursos hídricos. Já percorreu diversas localidades da cidade, sempre com esse viés.

O Parque Aquático Móvel aproveita uma fonte de **água de nascente ou rebaixamento de lençol freático** (pelos condomínios) que se perde livremente pela cidade. A água de nascente, que flui abundante antes de ser descartada no sistema de drenagem urbano. Utilizando essas fontes de água limpa, quase potáveis, o projeto cria um espaço lúdico e educativo temporário, oferecendo à população local e aos visitantes a chance de se refrescar, relaxar e refletir sobre a importância da água em nossas vidas.

Através de eventos temáticos que incluem atividades educativas, como o **"Bate-Papo na Piscina"**, o Parque Aquático Móvel se propõe a ser mais do que um simples espaço de lazer. Ele busca ser um ponto de encontro para discussões enriquecedoras sobre sustentabilidade, urbanismo e desigualdade social, convidando jovens e

membros da comunidade a ponderar sobre como uma metrópole como São Paulo pode se tornar mais integrada com seus recursos naturais e menos suscetível aos impactos negativos da urbanização descontrolada.

Nesse cenário, o projeto não só destaca a questão da preservação e uso consciente da água em um contexto urbano, mas também promove a inclusão social e o engajamento comunitário. Ao reunir pessoas de diferentes contextos em um ambiente criativo e participativo, o Parque Aquático Móvel estimula o diálogo e a colaboração em torno de temas críticos, contribuindo para uma consciência coletiva mais afiada sobre os desafios e potenciais soluções para a cidade.

Este projeto representa uma confluência de arte, ativismo e educação ambiental, proporcionando uma plataforma para expressão criativa e aprendizado ativo. Ao fazer uso sustentável da água de nascente da cidade, o Parque Aquático Móvel oferece uma alternativa refrescante para o lazer urbano, mas também serve como um lembrete poderoso da importância de valorizar e proteger nossos recursos naturais. É uma proposta que encoraja todos nós a imaginar e trabalhar por uma cidade que harmoniza suas necessidades sociais, econômicas e ambientais, cultivando um futuro mais sustentável e inclusivo para as gerações atuais e futuras.



Flavio Barollo

Flavio Barollo transita entre as cênicas, audiovisual e novas tecnologias. Kursou Pós-Graduação em Direção Teatral pela ESA Célia Helena, sob orientação de Antônio Araújo (Teatro da Vertigem, MITsp); Estudos da performance na PUC e USP com Lúcio Agra e Beth Lopes. Na UFRRJ, cursa Extensão Mudança Climática, Desastres e Garantia de Direitos da População Atingida. Artivista ambiental pelo coletivo (se)cura humana. Em performance criou e dirigiu Simulação de um Levante (2024), Ouro Branco: Lítio (2024), Corpo-Árvore (2023), Piscina do Fim do Mundo (2017-2023), Parque Aquático Móvel (2015-2023), Rio Paralelo Tamanduateí (2019) e Mergulho do Rio Tietê (2015). No audiovisual, dirigiu o filme Deserto SP (2024), e em captação de Torneiras.



Jeferson Rogério

Jeferson Rogério é construtor ambiental e estudante de Biologia. Morador de Osasco. Kursou Engenharia Civil, trabalha com reformas e construções desde 2006, especializando-se em bioconstrução, saneamento ecológico, captação de água da chuva e sistema de aquaponia. Nas artes, com o (se)cura humana, participou da construção do Lago da Travessa e na realização da obra Rio Paralelo Tamanduateí, tanto na performance de coleta quanto no posterior tratamento ecológico das águas do Rio Tamanduateí e criação de um lago vivo com peixes e plantas aquáticas. É coordenador técnico do (se)cura humana. E também atua como performer na performance Corpo-Árvore.



Wellington Tibério

Professor de Geografia. Doutorando do FFLCH-USP. Performer pelo coletivo (se)cura humana, com as performances Piscina do Fim do Mundo e Corpo-Árvore. Músico (percussionista), fundador e integrante do grupo Coração Quiáltera (2000/12), com shows e CD “Concerto dos Irregulares Tempos” (2006) e “Sementeira – Sons da Percussão” (2010), em parceria com Caíto Marcondes, Marcos Suzano e Naná Vasconcelos. É co-fundador do bloco carnavalesco Água Preta. Ativista/Artista urbano, fundou o coletivo Ocupe e Abrace, que atua na Praça na Nascente, a tática Hezbolago, prática de escavação de lagos e criação de novos espaços aquáticos na cidade, o Parque Aquático Móvel, performance de experimentação das águas da cidade, e o coletivo da Travessa, que realiza a ocupação da Travessa Roque Adógllo, Vila Anglo Brasileira, São Paulo. Escreveu o ensaio ÁGUA E URBANISMO: AÇÕES ARTÍSTICAS PARA UMA CIDADE (IM)POSSÍVEL, para a Revista Redobra da Universidade Federal da Bahia (UFBA).



Sesc Parque Dom Pedro II

Juntamente com o Parque Aquático Móvel, o projeto Lago Móvel também percorreu o Sesc Parque Dom Pedro e Sesc Vila Mariana, montando um lago com peixes e plantas dentro de uma carreta, em um projeto conjunto com crianças, unindo arte e educação ambiental.



Sesc Vila Mariana

LAGO MÓVEL

Reflexão sobre a mercantilização da água



OCUPAÇÃO (SE)CURA

#PONTODECULTURA #TERRITÓRIO



Lago da Travessa, do (se)cura humana

Ocupação Travessa

A “**Ocupação Travessa**” é uma iniciativa comunitária existente desde 2017 focada na ocupação de um espaço urbano: a Travessa Roque Adóglgio, Vila Anglo Brasileira, São Paulo.

O projeto visou reocupar essa área, negligenciada de convívio social, cultura e educação ambiental, revitalizando com atividades que promovam a sustentabilidade, a arte e a inclusão social. Utilizando recursos naturais da cidade, como **água de nascente**, a **Ocupação Travessa** traz arte e importância dos recursos hídricos e incentiva a reflexão sobre o uso consciente da água em ambientes urbanos.

Contexto Urbano e Necessidade

Em muitas cidades, espaços como becos, travessas e pequenas praças encontram-se em estado de abandono, servindo muitas vezes como meros passagens ou sendo completamente ignorados pelos planejamentos urbanos. Na Travessa Roque Adóglgio acontece o mesmo, pois lá encontra-se canalizado o **Córrego do Água Preta**.

Estratégias e Implementação

O coração da **Ocupação Travessa** é o uso de água de nascente como um lago e como uma torneira comunitária, água que é coletada antes de ser desperdiçada no sistema de drenagem urbano e se misturando com o esgoto. Essa água é também utilizada para encher piscinas móveis durante eventos temporários, proporcionando um espaço de lazer e ao mesmo tempo um ponto de partida para diálogos sobre sustentabilidade, o “**bate-papo na piscina**”. Além disso, a Ocupação Travessa possui estrutura de palco, arquibancada, energia elétrica, para performances artísticas, áreas de exposição para artistas locais e espaços de workshop que abordam temas desde a arte até a sustentabilidade ambiental.

Atividades e Programação

A programação da Ocupação Travessa sempre foi diversificada, incluindo desde oficinas de arte sustentável e workshops sobre gestão de recursos hídricos até eventos culturais como performances, saraus, shows, sempre gratuito o convite à comunidade local.

Através de “**bate-papos na piscina**”, a comunidade tem a oportunidade de discutir questões importantes como mudanças climáticas, urbanização e a preservação de recursos naturais, tudo isso enquanto desfrutam de um ambiente relaxante e acolhedor. Estas discussões são facilitadas por especialistas e ativistas ambientais, proporcionando um aprendizado profundo e engajado.

Impacto Comunitário e Sustentabilidade

O projeto melhora o ambiente urbano, mas também fortalece os laços comunitários. Os espaços revitalizados tornam-se pontos de orgulho para a comunidade e estimulam a cooperação entre diferentes grupos sociais. Além disso, a Ocupação Travessa serve como um modelo replicável que pode ser adaptado para outras áreas da cidade com o intuito de reimaginar seus próprios espaços urbanos subutilizados.

Legado e Visão de Futuro

A longo prazo, a Ocupação Travessa busca deixar um legado de conscientização, permanência e mudança.

Cada evento é uma oportunidade para semear ideias sobre um futuro mais sustentável e integrado. O projeto aspira inspirar outras comunidades a adotarem iniciativas semelhantes, ampliando o impacto da ocupação além de seus locais originais.



Lago da Travessa

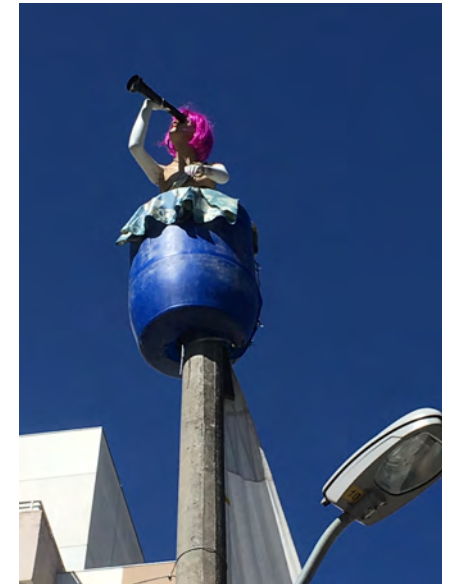
O lago da Travessa, parte integrante do projeto da torneira da Travessa Roque Adóglgio, representa uma extensão criativa e funcional do trabalho do coletivo (se)cura humana. Ele foi construído como um reservatório natural, destinado a acumular a água da nascente canalizada, antes de seguir para o tanque e a torneira de uso público.

Este lago foi cuidadosamente projetado com peixes e plantas aquáticas que ajudam a manter o equilíbrio ecológico. Os peixes contribuem para controlar populações de insetos, enquanto as plantas promovem a filtragem natural da água, removendo impurezas e fornecendo oxigênio. Juntos, esses elementos criam um micro-habitat aquático sustentável que valoriza a biodiversidade local.

A presença do lago tem um impacto estético e funcional, oferecendo um espaço verde único que contrasta com a paisagem

urbana da região. Ele atrai a atenção de visitantes e moradores, incentivando a reflexão sobre a importância dos recursos hídricos e do papel da natureza nas cidades. Além disso, o lago serve como um ponto de referência simbólico, reforçando a mensagem do coletivo sobre a interdependência entre arte, natureza e ativismo social.

Ao proporcionar esse oásis de tranquilidade, o lago também cumpre um papel social ao fornecer um espaço de convivência e contemplação para a comunidade, especialmente para aqueles que vivem em situação de rua. Este projeto não apenas fornece acesso a água limpa, mas também cria um espaço comunitário onde as pessoas podem se reunir, interagir e refletir sobre questões socioambientais de uma maneira que une funcionalidade e beleza artística.



Obras e eventos feitos na Travessa Roque Adóglgio, pelo (se)cura humana e Coletividade da Travessa

REVERBERAÇÕES



Das Kollektiv Secura Humana macht verborgene Wasserläufe und Quellen unter São Paulos Straßen, Häusern und Plätzen sichtbar

- **90-120 Prozent** der globalen Vorkommen an **Brasilien** des süßwasserreichsten Land der Erde, doch selbst der Amazonas fließt aufgrund der Klimakrise bereits unter Dürre.
- **Rund 33 Millionen Menschen** in Brasilien, etwa 36 Prozent der Bevölkerung, haben keinen Zugang zu Trinkwasser.
- **Wiss** zu 40 Prozent des Treibhausgas von Leuten geht durch verschärfte Ruhe und illegale Antriebe verloren.
- **100 Millionen Brasilianer** und nicht an ein Abwasser system angeschlossen, Gründe sind unter anderem das rasche Bevölkerungswachstum und die kaum Schritt haltende Grünflächenplanung.

[illegible]

Engagement

Imprensa

[illegible]

O homem, o cenário. Roupas de proteção rasgou e até peixe ele encontrou na podridão

[illegible]

[@securahumana](http://securahumana.com)
securahumana@gmail.com

Flavio Barollo
+55 11 98114-2444

**(se)cura
humana**

**CORPO
RASTREADO**

Gabi Gonçalves
+55 11 94174-3067
gabi@corporastreado.com